

Chagall - pintura  
e cerâmica

## RECADO DE PARIS

1232 RUBEM BRAGA

PARIS, maio — O Congresso italiano aprovou uma lei segundo a qual, na construção dos edificios publicos, dois por cento do orçamento serão reservados aos pintores e arquitetos encarregados de fazer a decoração. São excluidos os edificios destinados a fins industriais e habitações populares, assim como qualquer construção que não custe mais de cinquenta milhões de liras.

Em três anos o governo italiano gastou bilhões de liras em edificios publicos; isso serve para dar uma idéia da soma que será posta à disposição dos artistas. No caso do projeto do arquiteto não prever nenhuma decoração, os dois por cento serão gastos na compra de quadros e esculturas para serem colocados no interior do edificio.

Há um projeto de lei semelhante em andamento na França (mas a cota para os decoradores é apenas de um por cento) e, se não me engano, existe uma lei assim, há muito tempo, nos Estados Unidos.

Marc Chagall, não contente em fazer pintura, gravura e cerâmica, apresenta em "Arts" um poema e uma cronica.

O poema é sobre o país que ele tem dentro de si mesmo: "minhas flores são inventadas, as ruas me pertencem, mas não há casas: foram destruidas desde a infancia; os habitantes ficam vagabundando pelo ar... mas houve um tempo em que eu tinha duas cabeças, cobertas de um orvalho amoroso... hoje, mesmo quando recuo, eu vou em frente, para um alto portão atrás do qual há muros onde dormem os trovões extintos e os relampagos quebrados..."

A cronica fala de seus proprios trabalhos: "comecei a fazer aquarelas nestes ultimos dois anos. Acho que elas são um impulso em procura da luz, e não da cor. Porque a luz contem em si todas as paletas imaginaveis. Como a cor autentica contem em si toda a luz."

Confessa que nunca sabe a razão porque agora lhe ocorreu, e só agora, fazer aquarelas. "Se eu soubesse o que fiz, o que estou fazendo e o que farei, e pudesse falar sobre isso, será que eu teria feito alguma coisa?... E' difícil falar."

Sinto-me mais leve, mais livre, diante da tela, e me escondo em minha arte como em um buraco. Entro nesse buraco como em um templo onde eu quisesse oferecer-me em sacrificio."

Fala de sua cerâmica: "São o resultado de minha vida no Sul, onde se sente com força a significação desse velho artesanato. A propria terra em que se pisa é luminosa. Ela me olha ternamente, como se me chamasse. Quis tocar essa terra, como os velhos artesãos, afastar-me da decoração acidental, ficando nos limites da cerâmica, insuflando-lhe o eco de uma arte ao mesmo tempo distante e proxima. De repente, pareceu-me que essa terra tão clara interpela de longe a terra surda de minha cidade natal: Witebsk... Mas essa terra não se dá facilmente... A arte não será como a face de meu filho de quatro anos que espera de mim um sorriso?... Quer eu fale de cerâmica, de gravuras, aquarelas ou pintura, todas as minhas palavras rodam em torno da materia que, em si mesma, é abstração, desde que atinja uma certa altitude. Todo o resto é literatura..."

RN 40 agosto 79

Maio 50